

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: uma experiência com o Ensino
Fundamental**

Rosa Maria Dias

RESUMO

O artigo apresenta uma análise sobre a importância da educação e diversidade étnico-cultural na sociedade contemporânea. Aborda a legislação brasileira, como a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e institui o "Dia Nacional da Consciência Negra". A primeira parte do artigo discute a importância da educação para as relações étnico-raciais, destacando a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade cultural afro-brasileira e africana, e promova o respeito e a reflexão crítica sobre o racismo. Além disso, enfatiza a relevância da formação contínua dos professores para lidar com as diversidades étnico-raciais nas salas de aula. Na segunda parte do artigo, é apresentado um projeto realizado com uma turma de 4º ano do ensino fundamental, com o objetivo de promover a educação das relações étnico-raciais. O texto destaca pontos positivos do projeto, como a escolha de uma coleção inclusiva de livros e a utilização de atividades práticas e lúdicas para envolver os alunos. Por outro lado, ressalta a necessidade de aprofundar o conteúdo teórico, promover uma reflexão crítica sobre a realidade atual dos grupos étnico-culturais abordados e utilizar recursos adicionais, como vídeos e filmes. O artigo conclui reforçando a importância da abordagem da educação e diversidade étnico-cultural na formação de uma sociedade mais justa, igualitária e plural, e destaca a relevância da formação contínua dos professores e do envolvimento das famílias e comunidades nesse processo. Além disso, reconhece a experiência enriquecedora do curso de Pedagogia na compreensão da importância dessa abordagem educacional.

Palavras-chave: Diversidade Étnico-Cultural. Educação. Formação Docente.

INTRODUÇÃO

Educação e diversidade são temas intrinsecamente ligados e de extrema importância na sociedade contemporânea. A educação, como processo de formação dos indivíduos, deve ser inclusiva e considerar todas as diferenças étnicas e culturais presentes em uma determinada comunidade.

Além disso, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), conhecida como LDB, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional no Brasil. Em relação à educação e diversidade étnico-cultural, ela propõe a promoção da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, bem como o respeito à diversidade e à pluralidade cultural presente na sociedade brasileira (BRASIL, 1996).

Em 9 de janeiro de 2003 a Lei nº 10.639, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Essa lei torna obrigatório o

ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, tanto públicos quanto privados. O conteúdo programático inclui o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e a contribuição do povo negro na formação da sociedade nacional nas áreas social, econômica e política. Esses conteúdos devem ser ministrados em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Além disso, a lei estabelece o dia 20 de novembro como o "Dia Nacional da Consciência Negra", que deve ser incluído no calendário escolar. A lei entrou em vigor na data de sua publicação, em 9 de janeiro de 2003. (BRASIL, 2023).

O presente artigo está dividido em duas partes: na primeira será apresentada a discussão de alguns autores a respeito do tema, na segunda parte serão apresentadas as atividades realizadas com o objetivo de contribuir com a educação das relações étnico-raciais.

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

Educar para as relações étnico-raciais é de grande importância para se desenvolver uma sociedade mais justa e atenta às diversidades e suas especificidades. Alguns autores apresentam a discussão a respeito dessa importância e os obstáculos que se apresentam ao ensino e aprendizagem em relação a essa questão no contexto brasileiro.

Gonçalves, Silva (2007) enfatizam a necessidade de desenvolver uma educação que promova a formação para cidadania, especialmente no que tange às relações étnico-raciais. O ensino de história e cultura afro-brasileira e africana enfrenta dificuldades históricas e ideológicas, que frequentemente resultam em uma negligência ou até mesmo negação dessas temáticas nas escolas.

Assim, para superar esses obstáculos, a autora propõe uma abordagem pedagógica que leve em conta as diferentes experiências e contribuições culturais dos afrodescendentes para a história e sociedade brasileira. Isso implica em promover o respeito, a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira e africana, assim como a reflexão crítica sobre o racismo e a discriminação presentes na sociedade (GONÇALVES, SILVA, 2007).

Bem como, a autora também ressalta a importância da formação dos professores para abordarem essas questões de maneira adequada e sensível. Ela destaca a necessidade de uma formação contínua, que capacite os docentes a lidarem com as diversidades étnico-raciais presentes nas salas de aula e a promoverem uma educação antirracista.

Munanga (2015), aborda a importância de incluir o ensino da história da África e dos negros no currículo escolar brasileiro. O autor defende que a abordagem desse tema é essencial para combater o racismo, desconstruir estereótipos e promover a valorização da diversidade étnica e cultural do país.

O autor enfatiza a relevância do ensino da história do negro no Brasil, destacando a necessidade de desconstruir o mito da democracia racial e expor as desigualdades sociais e raciais ainda presentes na sociedade brasileira. Ele argumenta que o conhecimento da história dos negros no país é fundamental para promover uma reflexão crítica sobre a estrutura social e política, e para combater o preconceito e a discriminação.

Um ponto importante para se refletir é sobre a necessidade de se discutir e promover a educação para as relações étnico-raciais desde a educação infantil. Essa etapa escolar é fundamental para a formação das crianças e para a construção de uma consciência crítica em relação às questões raciais. Portanto, é essencial que os professores estejam preparados para abordar essa temática de forma adequada e inclusiva (SANTANA; NOGUEIRA, 2023).

Por outro lado, para Santana; Nogueira (2023), as concepções e práticas pedagógicas de professoras de educação infantil diante da educação para as relações étnico-raciais, através de uma pesquisa realizada com professoras de uma escola de educação infantil, buscaram-se compreender como essas profissionais entendem a importância dessa educação e como elas aplicam essa temática em suas práticas pedagógicas.

Diante disso, é necessário que as instituições de ensino ofereçam formação continuada aos professores, abordando especificamente a educação para as relações étnico-raciais. Essa formação deve fornecer subsídios teóricos e práticos para que os professores possam compreender as questões raciais, desconstruir preconceitos e estereótipos, e promover uma educação inclusiva e respeitosa (SANTANA; NOGUEIRA, 2023).

As autoras ainda enfatizam a importância de que as escolas valorizem a diversidade racial em seu currículo e em suas práticas pedagógicas, promovendo atividades e projetos que abordem a história e cultura dos diferentes grupos étnico-raciais presentes na sociedade. Isso contribuirá para a formação de crianças mais conscientes e respeitosas em relação às diferenças raciais.

Gomes (2003) destaca a importância de reconhecer e valorizar as diferentes culturas presentes na sociedade, respeitando e acolhendo a diversidade existente. Ela defende que a educação deve ser um espaço de promoção da igualdade, onde todas as crianças e jovens tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua origem étnico-cultural.

A autora ainda ressalta a necessidade de combater o racismo, o preconceito e a discriminação presentes no ambiente escolar, além de promover uma formação docente que contemple a diversidade e os direitos humanos.

Sendo assim, compreende-se que a educação desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos, preconceitos e discriminações étnicas e culturais. Por meio do diálogo, da troca de experiências e do conhecimento sobre diferentes culturas, é possível promover a tolerância, o respeito e a valorização da diversidade (GOMES, 2003).

Dessa forma, a Educação e a diversidade étnico-cultural caminham juntas na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e plural. Ao reconhecer e valorizar as diferenças, promovendo a inclusão e o respeito, estamos contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, capazes de conviver harmoniosamente em um mundo cada vez mais diversos.

A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A partir da compreensão da importância de se promover a educação das relações étnico-raciais no Ensino Fundamental, foi desenvolvido um projeto realizado com uma turma de 4º ano de uma escola Municipal de Três Lagoas/MS com objetivo de promover a educação das relações étnico-raciais no Ensino Fundamental. Esse projeto fez parte do estágio obrigatório nos anos iniciais do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ CPTL, durante o primeiro semestre de 2023. Além da autora, outra aluna do curso de Pedagogia e a professora responsável pela turma também estiveram envolvidas.

Para elaboração das atividades aplicadas foi utilizado o material paradidático intitulado “Outras histórias... Culturas afro-brasileiras e indígenas”, produzido no ano de 2012, em Mato Grosso do Sul, para as séries iniciais do Ensino Fundamental, e foi centrado na compreensão da cultura como processo dinâmico. Foi escrito a “dez mãos”, contando com professores da área de História e da Educação.

O objetivo deste material era apresentar as culturas indígenas e afro-brasileiras como carregadas de vida, contradições e de ambiguidades, mas ainda de expressão de diversos saberes que se constituíram (e se constituem) na experiência dos agentes sociais, negros e negras, assim como dos povos originários, ao longo da história do Brasil, da América e do continente africano, em diálogo com outras culturas. Os encontros e desencontros em meio a este processo foram destacados.

Por tanto, trabalhamos com quatro Unidades norteadoras: “Quem sou eu, quem é o outro, quem somos nós?”; “De onde viemos?”; “E as nossas raízes?” e, por fim: “E os nossos

direitos?“. O material visou contemplar aspectos da história e da cultura indígena e afro-brasileira que pudessem contribuir para combater a discriminação vivenciada por esses dois grupos (DIAS, 2012, p. 4).

A escola onde ocorreu a ação é pequena, atendendo a um total de 401 crianças, e está localizada em um bairro periférico da cidade. O estágio teve duração de duas semanas e foi dividido em duas etapas: primeiro foi realizada a observação do cotidiano da turma e em seguida a regência, executada pelas estagiárias.

O tema escolhido para o projeto desenvolvido na regência foi a Diversidade Étnico Racial, e seus objetivos visaram promover a educação das relações étnico-raciais, tendo como referência os povos afrodescendentes e os povos originários. A intenção foi proporcionar às crianças uma melhor percepção do que esses povos passaram, passam, bem como o que representam e de que maneira influenciam nosso país até os dias atuais.

No primeiro dia de aplicação do projeto, iniciamos com uma leitura prazerosa da história "Menina bonita do laço de fita" de Ana Maria Machado. A leitura foi realizada de forma descontraída, com os alunos apenas ouvindo com interesse aguçado. O livro conta a história de um coelho branco que acha uma menina negra que usa um laço de fita muito linda. Ele fica curioso para saber o que ela fez para ficar tão pretinha. A menina não sabe ao certo e sempre dá uma resposta diferente, o que faz o coelho tentar várias experiências para ficar com a mesma cor. No final, a mãe da menina revela que é por causa da avó, que era pretinha. Essa leitura não foi concluída no primeiro dia, deixamos o restante para o próximo encontro, estimulando a imaginação das crianças. Após a leitura, foi realizada uma roda de conversa para que as crianças pudessem expressar suas opiniões sobre a história. Comentaram sobre o porquê de a menina sempre dizer algo diferente e mesmo assim o coelho sempre voltar para saber, também sobre a conscientização do coelho em relação a verdade sobre o que deixou a menina pretinha e então conversamos a respeito.

Em seguida, apresentamos às crianças a boneca Abayomi e sua história. De acordo com Vieira (2015), a boneca Abayomi é um objeto cultural e histórico de grande valor, sendo considerada uma obra de arte e símbolo de resistência. Originária da Nigéria, ela foi criada durante a época da escravidão como forma de proteção e conforto emocional para as crianças escravizadas. Feitas à mão com tecidos e fios, essas bonecas não possuem costuras ou rostos definidos, sendo um símbolo de afeto, companhia e resistência. Devido à sua importância, a boneca Abayomi tem sido objeto de estudos e inspiração para artistas contemporâneos. Por isso, contamos que as mulheres negras confeccionavam essas bonecas usando pedaços de suas saias para acalmar e trazer alegria a todos nos navios negreiros.

Foi disponibilizado um material impresso contendo essa história para que os alunos pudessem acompanhar a leitura. Refletimos também sobre a história dos povos africanos trazidos para o Brasil, discutindo como eles chegaram e os sofrimentos que enfrentaram tanto durante as viagens, quanto em suas vidas no país. Para a atividade seguinte, levamos um kit com tecidos já cortados e modelados para que cada criança pudesse montar sua própria boneca Abayomi. Além de explicarmos pessoalmente como fazer a boneca, também apresentamos um vídeo complementar. Aproveitamos para relembrar as características das vestimentas africanas e confeccionamos uma amostra para as crianças. Também reforçamos o significado do nome da boneca, que é "aquela que traz alegria". A atividade foi finalizada com questionamentos às crianças sobre o que elas aprenderam, e algumas expressaram emoções como tristeza e vontade de chorar ao saber do sofrimento dos povos africanos nos navios.

No segundo dia, apresentamos o contexto dos povos indígenas no processo de formação do Brasil, enfatizando a importância desses grupos como os primeiros habitantes do país, que influenciaram nossa cultura, costumes, alimentação e língua. Também ressaltamos que, desde a chegada dos europeus até os dias atuais, os indígenas enfrentam constantes ameaças à sua vida e terras.

Em seguida, mostramos um mapa que ilustrava a distribuição desses povos em nosso território antes da chegada dos colonizadores, evidenciando a diversidade e a presença abrangente dos povos indígenas em diferentes regiões do Brasil e desenvolvemos uma explanação a respeito.

Posteriormente, com base na explicação fornecida previamente e no mapa apresentado, aplicamos um breve questionário para que os alunos pudessem responder em seus cadernos. As perguntas incluíam a identificação dos povos indígenas que ocupavam a maior parte do território do Brasil, a quantidade de povos indígenas diferentes que eles conseguiram identificar no mapa, quais povos indígenas habitavam atualmente no seu estado e se eles já tinham conhecimento sobre esses povos indígenas.

Durante as aulas, nosso objetivo foi promover o conhecimento e a valorização dos povos indígenas, destacando sua importância histórica e cultural. Através das atividades propostas, buscamos despertar o interesse dos alunos pelo tema e incentivá-los a refletir sobre a situação atual dos indígenas no Brasil, além de valorizar a diversidade cultural presente em nosso país.

Diante disso, as crianças responderam com admiração, pois muitas delas não tinham conhecimento de que os indígenas também haviam sido escravizados com a chegada dos europeus. Elas defenderam o direito dos indígenas de permanecerem em suas terras,

expressaram indignação sobre as injustiças sofridas ao oferecerem o melhor de suas terras e serem enganados, além de relatarem abusos de poder que os indígenas enfrentam.

No 3º dia, apresentamos às crianças a canção "Canto das Três Raças", interpretada por Clara Nunes:

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador

Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

(Composição: Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte, 1974)

A música aborda a história de sofrimento e luta vivenciada pelos três grupos étnicos que formam a base da população brasileira: os indígenas, os negros e os trabalhadores, destacando como esses povos foram oprimidos ao longo da história do Brasil, desde a colonização, passando pelo período escravocrata e pelas lutas pela independência do país. O índio guerreiro foi levado ao cativo e mesmo assim encontrou forças para cantar, o negro entoou um canto de revolta nos ares do Quilombo dos Palmares, e os inconfidentes lutaram pela quebra das correntes.

No entanto, a letra também ressalta que, apesar das batalhas travadas, o povo brasileiro ainda canta com dor. O canto do trabalhador, que deveria ser um canto de alegria, soa como um soluçar de dor. O lamento triste ecoa noite e dia, de forma ensurdecedora, refletindo a agonia vivida por esse grupo.

Por meio dessa canção, Clara Nunes busca dar voz aos excluídos e falar sobre a situação de opressão e injustiça que muitos brasileiros enfrentam. Ela ressalta a importância de reconhecer e valorizar a história e a cultura desses povos e de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

A partir dessa compreensão apresentamos aos alunos a letra da música e a partir daí, realizamos uma roda de conversa, na qual discutimos a letra da música e o que ela nos conta sobre a história do Brasil. Notamos que a música retrata a dor e a luta vivenciada pelos povos indígenas, negros e trabalhadores ao longo dos anos.

Com base nessa reflexão, propusemos aos alunos que escrevessem um pequeno texto sobre o que entenderam com a letra da canção. Foi interessante ver as diferentes interpretações e percepções dos estudantes em relação à mensagem transmitida pela música.

Para enriquecer ainda mais essa experiência, desenvolvemos uma atividade coletiva em que montamos um cartaz em papel pardo. Nele, colocamos figuras de personalidades negras que marcaram a história do país. Essa atividade proporcionou aos alunos o conhecimento sobre importantes personagens que contribuíram para a luta contra a discriminação racial e a busca por igualdade.

No quarto dia, realizamos uma atividade com os alunos com a música "Oração pela libertação da África do Sul" de Gilberto Gil:

Se o rei Zulu já não pode andar nu
Se o rei Zulu já não pode andar nu
Salve a batina do bispo Tutu
Salve a batina do bispo Tutu

Ó, Deus do céu da África do Sul
Do céu azul da África do Sul
Tornai vermelho todo sangue azul
Tornai vermelho todo sangue azul

Já que vermelho tem sido todo sangue derramado
Todo corpo, todo irmão chicoteado - iô
Senhor da selva africana, irmã da selva americana
Nossa selva brasileira de Tupã

Senhor, irmão de Tupã, fazei
Com que o chicote seja por fim pendurado
Revogai da intolerância a lei
Devolvei o chão a quem no chão foi criado

Ó, Cristo Rei, branco de Oxalufã
Ó, Cristo Rei, branco de Oxalufã
Zelai por nossa negra flor pagã
Zelai por nossa negra flor pagã

Sabei que o papa já pediu perdão
Sabei que o papa já pediu perdão
Varrei do mapa toda escravidão
Varrei do mapa toda escravidão

(Composição: Gilberto Passos Gil Moreira, 1985)

Essa música é uma mensagem de apoio e solidariedade ao povo sul-africano durante o período de *apartheid*. O *apartheid* foi um regime de segregação racial imposto pelo governo da África do Sul, no qual os negros eram oprimidos e privados de seus direitos básicos.

Na música, Gil faz referências aos líderes e figuras importantes que lutaram contra a opressão, como o rei Zulu, simbolizando a perda da liberdade e a necessidade de lutar por ela. Ele também menciona o bispo Tutu, que foi uma figura importante na luta contra o *apartheid* e defendeu a igualdade racial.

Gilberto Gil pede a intervenção divina, pedindo a Deus para tornar "vermelho todo sangue azul", uma metáfora para a transformação da injustiça e opressão em liberdade e igualdade. Ele menciona a violência sofrida pelos negros, representada pelo sangue derramado e pelos corpos chicoteados, e pede por justiça e igualdade.

A música também faz referência à selva africana, americana e brasileira, simbolizando a luta de todos os povos oprimidos e a necessidade de união na busca por liberdade. Gil também menciona o papa ter pedido perdão, possivelmente referindo-se ao pedido de perdão da Igreja Católica pelos erros e abusos cometidos no passado, incluindo a escravidão.

No final da música, Gil pede pela erradicação da escravidão e pelo retorno da dignidade e igualdade para aqueles que foram oprimidos. "Oração pela libertação da África do Sul" é uma música que expressa a solidariedade de Gilberto Gil ao povo sul-africano e sua luta por liberdade, igualdade e justiça durante o período do *apartheid*.

No início, escutamos a música atentamente para entender sua mensagem e contexto histórico. Em seguida, promovemos uma discussão em grupo sobre a letra da música, explorando as palavras que eram desconhecidas pelo vocabulário dos alunos. Foi uma oportunidade para expandir o conhecimento deles e explicar o significado dessas palavras, incentivando-os a utilizá-las em frases. Surgiram dúvidas sobre palavras como intolerância,

Tupã, batina, revogai e pagã. Assim, olhamos o dicionário em conjunto com os alunos e colocamos os significados delas no quadro para entendimento de todos.

Depois disso, os alunos foram desafiados a criar uma mensagem de liberdade e igualdade, inspirada na música de Gilberto Gil. Eles escreveram pequenos textos e foram encorajados a fazer uma apresentação oral, compartilhando suas ideias e reflexões sobre o tema. Expressaram indignação através dos textos e desenhos elaborados, dizendo que poderia ter sido tudo diferente, mostrando a dor e sofrimento nas imagens produzidas, contendo grades de prisão, chicote e sangue.

Por fim, montamos um cartaz com a colagem dos textos produzidos pela turma. Isso serviu como uma forma de materializar o trabalho realizado e também como uma recordação visual do que foi discutido e trabalhado durante a atividade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Ao analisar a execução do projeto destinado ao quarto ano do ensino fundamental, que abordou as culturas afro-brasileiras e indígenas com base na coleção "Outras histórias... Culturas afro-brasileiras e indígenas", foram identificados aspectos positivos e negativos que merecem destaque.

Dentre os pontos positivos, é relevante citar a escolha de uma coleção de livros que trata das culturas afro-brasileiras e indígenas de maneira inclusiva e diversificada. Essa seleção de material didático contribuiu para uma abordagem mais abrangente e enriquecedora sobre o tema, permitindo uma compreensão mais ampla e uma valorização das diversas culturas presentes no Brasil.

Também, a utilização de atividades práticas e lúdicas se mostraram um ponto positivo. Através de jogos, brincadeiras e dinâmicas, foi possível envolver os alunos de maneira mais significativa e despertar o interesse deles pela temática abordada. Isso resultou em uma maior participação e engajamento dos estudantes durante as aulas.

No entanto, foi identificada a necessidade de aprofundar o conteúdo teórico acerca das culturas afro-brasileiras e indígenas, indo além do que está presente na coleção utilizada. Isso possibilitaria uma melhor compreensão por parte dos alunos e uma abordagem mais completa do tema.

Outro ponto a destacar é a importância de promover uma reflexão crítica sobre a realidade atual das comunidades indígenas e afro-brasileiras. É fundamental que as crianças

compreendam as desigualdades e os desafios enfrentados por esses grupos, assim como a necessidade de valorizar e respeitar suas culturas.

Em futuras atividades, o recomendável é ampliar o uso de recursos, como vídeos, músicas e filmes, que possam enriquecer a experiência das crianças e contribuir para uma aprendizagem mais significativa. É fundamental promover um espaço de diálogo e escuta, incentivando as crianças a compartilharem suas experiências e conhecimentos sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas. Isso seria importante para tornar as aulas mais inclusivas e valorizar as diferentes perspectivas presentes na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que o trabalho com a educação das relações étnico-raciais não deve se restringir apenas a conteúdos curriculares específicos, mas sim estar presente em todas as dimensões da escola. É necessário criar um ambiente escolar inclusivo, onde todos os alunos se sintam acolhidos e respeitados, independentemente de sua origem étnico-cultural. Isso envolve a promoção de práticas pedagógicas que considerem a diversidade, a realização de atividades que valorizem as diferentes culturas presentes na sociedade e a formação continuada dos professores para lidar com essas questões de forma adequada e sensível.

É importante ressaltar também a relevância da participação das famílias e da comunidade nesse processo. A escola deve estabelecer uma relação colaborativa com as famílias, buscando envolvê-las nas atividades e projetos relacionados à diversidade étnico-cultural. Além disso, é fundamental promover o diálogo e a troca de experiências entre a escola e a comunidade, de forma a fortalecer os laços de respeito e valorização das diferenças.

Haja visto, que a educação e a diversidade étnico-cultural estão intimamente ligadas e devem ser tratadas como temas de extrema importância na sociedade contemporânea. A legislação brasileira estabelece diretrizes para que a educação seja inclusiva e considere todas as diferenças étnicas e culturais presentes em uma determinada comunidade. Para que isso se concretize, é necessário promover uma formação adequada dos professores, incluir conteúdos relacionados às diferentes culturas no currículo escolar, criar um ambiente seguro e acolhedor para os alunos e envolver as famílias e a comunidade nesse processo. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa, igualitária e plural, onde a diversidade étnico-cultural seja reconhecida e valorizada.

Por fim, é essencial ressaltar que a formação inicial no curso de Pedagogia proporcionou uma experiência enriquecedora e fundamental para compreender a importância da abordagem

das culturas afro-brasileiras e indígenas na educação. Através do estudo, organização e aplicação da regência na escola, foi possível identificar tanto aspectos positivos quanto negativos nesse processo. É necessário aproveitar os pontos positivos, como a escolha de materiais inclusivos e a utilização de atividades práticas, e buscar aprimorar os aspectos que precisam ser desenvolvidos, como o aprofundamento teórico e a promoção de uma reflexão crítica. Dessa forma, será possível promover uma educação mais inclusiva, diversificada e valorizadora das diferentes culturas presentes no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 6 jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2023.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 jan. 2023. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 28 jul. 2023.

DIAS, Lucimar Rosa, et al. **Outras histórias...** Culturas afro-brasileiras e indígenas (Livros 1, 2, 3, 4, 5 e Livro do Professor), Campo Grande: Editora Alvorada, 2012.

GIL, Gilberto. "Oração pela libertação da África do Sul". Dia Dorim Noite Neon. Warner Music, 1985.

GOMES, Nilma Lino. Capítulo 5: Educação e diversidade étnicocultural. In: Ramos, M.N., Adão, J.M., Barros, G.M.N. (Coords.). Diversidade na educação: reflexões e experiências. Brasília: Repositório Faculdade Fama, 2003, p. 170.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, 62, 20-31, 2015. Recuperado de doi: 10.11606/issn.2316-901X.v0i62p20-31.

NUNES, Clara. Canto das Três Raças. No: GUERREIRA, 1978. Discografia. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1978.

LYRICFIND. 2023. Disponível em: <http://mct.mus.br/tag/lyricfind/>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

PIXABAY. 2023. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/ind%C3%ADgena-amaz%C3%B4nia-amazonas-brasil-3436787/>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

PLATAFORMA IXL. 2023. Disponível em: <https://br.ixl.com/>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

SANTANA, Crisley de Souza Almeida; NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha. Concepções e práticas pedagógicas de professoras de educação infantil diante da educação para as relações étnico-raciais. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 157-181, jan./jun., 2023. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1980-4512.2023.e90728>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

VIEIRA, Kauê. Bonecas Abayomi: símbolo de resitência, tradição e poder feminino. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.